

Ezequiel Martins Ferreira  
(Organizador)

# Psicologia:

Formação profissional, desenvolvimento e trabalho

2



Ezequiel Martins Ferreira  
(Organizador)

# Psicologia:

Formação profissional, desenvolvimento e trabalho

2



Atena  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Psicologia: formação profissional, desenvolvimento e trabalho

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Soellen de Britto  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Ezequiel Martins Ferreira

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b>	
P974	<p>Psicologia: formação profissional, desenvolvimento e trabalho / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.</p> <p>Formato: PDF  Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  Modo de acesso: World Wide Web  Inclui bibliografia  ISBN 978-65-258-0872-7  DOI: <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.727221512">https://doi.org/10.22533/at.ed.727221512</a></p> <p>1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 150</p>
<b>Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166</b>	

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

São 16, os artigos que compõem esta edição da coletânea, *Psicologia: Formação profissional, desenvolvimento e trabalho*, voltada para pensar a construção e o cotidiano do trabalho do profissional da Psicologia.

A história da disciplina no Brasil remonta à meados do século XIX, mas enquanto profissão é conquistada apenas nos meados do século XX, como resultado dos movimentos de construção de sociedades de Psicologia com a Sociedade de Psicologia de São Paulo (1940), da criação do curso de graduação em Psicologia pela PUC-RJ (1953), da regulamentação da profissão (1964) e instalação do sistema Conselho (1973, 1974).

Desde a década de 70 houve inúmeras conquistas quanto à aplicação da Psicologia em diversos setores como saúde, educação, comunidade, empresas, e se mantém a expansão para os mais variados seguimentos.

Os artigos que compõem esta coletânea apontam para algumas delas, mas não conseguem esgotar a amplitude. No entanto, mesmo com a diversidade manifesta, lutas ainda são necessárias para que haja melhorias e até mesmo para a manutenção do que já foi conquistado.

Para além da luta, uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

**CAPÍTULO 1 ..... 1**

UM MUNDO TECNOLÓGICO PANDÊMICO E SUAS MARCAS: UM OLHAR PSICANALÍTICO SOBRE A ANGÚSTIA DO ADOLESCENTE.

João Luis Paes Bóvio Barcelos

Giovane do Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7272215121>

**CAPÍTULO 2 ..... 7**

IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NA SAÚDE MENTAL E FÍSICA DOS IDOSOS

Liliane Dota

Lilian Dota

João Guilherme Baptista Coelho

Cecília Costa Carosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7272215122>

**CAPÍTULO 3 ..... 14**

ACOLHIMENTO DE PACIENTES EM REABILITAÇÃO PÓS COVID-19 E ADOECIMENTO MENTAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Sarajane de Fátima Lima de Oliveira

Sheila Arendt de Moraes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7272215123>

**CAPÍTULO 4 ..... 22**

OS IMPACTOS À SAÚDE MENTAL NA RELAÇÃO AFETIVA ENTRE AVÓS E NETOS

Larissa da Silva Melo

Káren Caroline de Souza

Lívia Nunes Câmara

Márcus Vinícius Gomes Moreira

Maria Luysa Oliveira Santos

Talyta Silva Queiroz Ferreira

Tuany Pereira da Silva Souza

Jessiane Martins da Silva

Ademar Rocha da Silva

Adriana Rey Nunes Lima

Fabiana Maria de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7272215124>

**CAPÍTULO 5 ..... 28**

EXPRESSÃO DE GÊNERO, MINORIAS ATIVAS E SAÚDE MENTAL - UMA REVISÃO DE LITERATURA

Suelen de Oliveira Maas

Luciana Elisabete Savaris

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7272215125>

<b>CAPÍTULO 6 .....</b>	<b>36</b>
RELATO DE EXPERIÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DAS REUNIÕES DE EQUIPE EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL	
Gabriela da Silva Souza Joice Cadore Sonogo	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7272215126">https://doi.org/10.22533/at.ed.7272215126</a>	
<b>CAPÍTULO 7 .....</b>	<b>39</b>
ECO NARCÍSICO: OS IMPACTOS PARA O PSICOLÓGICO DE MENINAS CRIADAS POR MÃES NARCISISTAS	
Hanna Helena Gadelha de Souza Othon	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7272215127">https://doi.org/10.22533/at.ed.7272215127</a>	
<b>CAPÍTULO 8 .....</b>	<b>49</b>
TRANSTORNO MENTAL COMUM E VESTIBULAR: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
Mirela Bianca Andrade Neyfsom Carlos Fernandes Matias	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7272215128">https://doi.org/10.22533/at.ed.7272215128</a>	
<b>CAPÍTULO 9 .....</b>	<b>61</b>
TRANSTORNOS MENTAIS ASSOCIADOS AO ABUSO SEXUAL	
Vaneida Araujo Balduino Valente Jamir Sardá Jr.	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7272215129">https://doi.org/10.22533/at.ed.7272215129</a>	
<b>CAPÍTULO 10.....</b>	<b>73</b>
PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO: UMA ALIANÇA NECESSÁRIA	
Luiz Carlos Rodrigues da Silva Thayronne Rennon Lima Gomes	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.72722151210">https://doi.org/10.22533/at.ed.72722151210</a>	
<b>CAPÍTULO 11 .....</b>	<b>85</b>
UMA ANÁLISE SOBRE A HOSPITALIZAÇÃO INFANTIL: CONSEQUÊNCIAS À SAÚDE MENTAL DA CRIANÇA E MELHORES PROCEDIMENTOS A SEREM TOMADOS	
Amanda Rayra Dias Campos Paulo de Tasso Moura de Alexandria Junior	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.72722151211">https://doi.org/10.22533/at.ed.72722151211</a>	
<b>CAPÍTULO 12.....</b>	<b>108</b>
SUPER ENGÓRDAME “UNA MIRADA DESDE LA PSICOLOGÍA DE LA SALUD Y PSICOLOGÍA SOCIAL”. ESTUDIO DE CASO, MORGAN SPURLOCK	
Alejandra Ramírez González Iracema Islas Vega Eduardo Bautista Ronces	

Andrómeda Ivette Valencia Ortiz  
 Cláudia Teresa Solano Pérez  
 Sinaí Hinojosa Hernández  
 María Teresa Sosa Lozada  
 Jesús Carlos Ruvalcaba Ledezma

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72722151212>

**CAPÍTULO 13..... 121**

PSICODERMATOLOGIA: ASPECTOS DAS DOENÇAS DERMATOLÓGICAS  
 RELACIONADAS AO PSICOLÓGICO DO INDIVÍDUO

Giovana Miotto de Moura  
 Daiany Lara Massias Lopes Sgrinholi  
 Milene Vianna Gurgel  
 Stéphane Raquel Almeida Velande de Fonseca  
 Leonardo Pestillo de Oliveira  
 Lucas França Garcia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72722151213>

**CAPÍTULO 14..... 130**

ENTRENAMIENTO EN FUNCIONES EJECUTIVAS PARA EL CONTROL DE  
 IMPULSOS EN ADOLESCENTES INFRACTORES

José Paulino Dzib Aguilar  
 Karime Esther Medina Farah

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72722151214>

**CAPÍTULO 15..... 137**

DISPOSIÇÃO A PERDOAR ENTRE RECLUSOS QUE COMETERAM CRIMES  
 RELACIONADOS COM OFENSAS À PROPRIEDADE E UM GRUPO DE  
 CONTROLO

Ana Cristina Menezes Fonseca

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72722151215>

**CAPÍTULO 16..... 146**

DISFUNCIONES COGNITIVAS EN PACIENTES SOMETIDOS A  
 QUIMIOTERAPIA: UNA REVISIÓN SISTEMÁTICA

Angélica Yolanda Bueno Bejarano Vale de Medeiros  
 Priscila do Nascimento Marques  
 Eliane Ramos Pereira  
 Arlete Ozório

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72722151216>

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 162**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 163**

# EXPRESSÃO DE GÊNERO, MINORIAS ATIVAS E SAÚDE MENTAL - UMA REVISÃO DE LITERATURA

*Data de submissão: 07/11/2022*

*Data de aceite: 01/12/2022*

### **Suelen de Oliveira Maas**

Faculdades Pequeno Príncipe  
Curitiba - Paraná  
<https://orcid.org/0000-0002-5759-6672>

### **Luciana Elisabete Savaris**

Universidade Federal do Paraná  
Faculdades Pequeno Príncipe  
Curitiba – Paraná  
<https://orcid.org/0000-0002-7408-1187>

**RESUMO:** O termo ‘expressão de gênero’ refere-se a forma como os indivíduos se manifestam em sociedade referente a sua identidade e orientação sexual. Nas últimas décadas, mudanças sociais passam a acontecer e os direitos da população LGBTQIAP+ entram na agenda política. Esta revisão de literatura se propõe a dialogar com autores clássicos da temática gênero e diversidade sexual com a perspectiva de problematizar a construção histórica e suas repercussões. Constata-se que ainda nos dias atuais, vive-se em uma sociedade que impõem uma heteronormatividade compulsória que divide as pessoas em um binarismo macho/fêmea e que formas dissidentes da performance de gênero heteronormativa estão sujeitas a sofrer

discriminação e preconceitos. Deste modo, vivenciar a diversidade sexual pode ser considerado fator de risco ao sofrimento/ adoecimento psíquico, não em função de achados biologizantes, psicopatológicos ou classificatórios, mas pela forma como a sociedade se relaciona com o que escapa a norma. Deste modo, ainda que se tenha vivenciado mudanças sociais nos últimos tempos a mudança nas relações sociais, assim como, nas relações entre profissionais de saúde e pacientes depende de espaço de formação e formulação que garantam problematizar os direitos humanos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero; Saúde Mental; Minorias Ativas.

### **GENDER EXPRESSION, ACTIVE MINORITIES AND MENTAL HEALTH - A LITERATURE REVIEW**

**ABSTRACT:** The term ‘gender expression’ refers to the way individuals express themselves in society regarding their sexual identity and orientation. In the last decades, social changes have taken place and the rights of the LGBTQIAP+ population have entered the political agenda. This literature review proposes to dialogue with classic authors on the subject of gender and sexual

diversity with the perspective of questioning the construction of history and its repercussions. It appears that even today we live in a society that imposes a compulsory heteronormativity that divides people into a male/female binarism, and that dissidente forms of heteronormative gender performance are subject to discrimination and prejudice. Thus, experiencing sexual diversity can be considered a risk factor for psychological suffering/illness, not because of biological, psychopathological or classificatory findings, but because of the way society relates to what escapes the norm. Thus, although social changes have been experienced in recent times, the change in social relationships, as well as in the relationships between health professionals and patients, depends on a space for training and formulation that guarantee the problematization of human rights.

**KEYWORDS:** Gender; Mental Health, Active Minorities.

## INTRODUÇÃO

O termo expressão de gênero foi utilizado por Judith Butler (2018) em seu livro “Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade” para referir-se a forma como os sujeitos manifestam seu gênero frente a sociedade. A filósofa pós-estruturalista estadunidense, questiona os padrões heteronormativos vigentes de sexualidade e busca legitimar padrões dissidentes destes, como no caso da comunidade LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual e o mais serve para abranger as demais pessoas da bandeira e a pluralidade de orientações sexuais e variações de gênero).

Para Butler (2018) a marcação de gênero feita pela cultura delimita suas formas de expressão e impõem papéis rígidos. De acordo com São Paulo (2014) os papéis de gênero são construídos e determinados de forma sócio-histórica e cultural e indicam os comportamentos esperados de homens e mulheres, como por exemplo, “mulheres devem ser sensíveis e usar cabelos compridos, enquanto os homens devem ser fortes e não chorar” (p. 13), espera-se do homem virilidade e da mulher sensibilidade (SANTOS, 2009).

É importante reconhecer que os comportamentos não são inatos ao ser humano, não existe uma relação causal lógica na qual ao se nascer com pênis o indivíduo terá que gostar de futebol e ao nascer com vulva a cor preferida será o rosa (SÃO PAULO, 2014). Segundo Wolff e Saldanha (2015), construiu-se culturalmente um padrão de normalidade vinculada à heterossexualidade e o que difere disso passa a ser considerado desviante.

De acordo com Santos (2009) “as identidades de gênero são elaboradas a partir de conceitos, imagens e símbolos, fazendo com que homens e mulheres carreguem consigo uma carga do simbólico e do cultural” (p. 15). Com isso, ao anunciar uma gravidez, uma das primeiras perguntas feitas é sobre o sexo biológico da criança: “é menino ou menina?”. Determinando desde o início a cor do quarto, até as projeções sobre as escolhas futuras da pessoa (SANTOS, 2009).

A expressão de gênero aceita pela sociedade é **heteronormatividade**, definida por uma **heterossexualidade compulsória** (REIS, 2008; BUTLER, 2018). Tudo que escapa a

regra ou a norma passa a ser visto como anormal ou mesmo patológico. Em obras clássicas como as de Freud é possível identificar a diversidade sexual catalogada na categoria da perversão (KATZ, 1996; BUTLER, 2018; FOUCAULT, 2020). Contudo, o adoecimento relacionado diversidade sexual segundo Bento (2008) encontra-se impossibilidade de se expressar livremente e de viver plenamente sua sexualidade em função da discriminação e preconceitos vivenciados, a exclusão e a violência que trazem efetivamente o risco para o sofrimento e adoecimento psíquico (ZANELLO, ANDRADE, 2014; BUTLER, 2018; FOUCAULT, 2020).

Nas última décadas, mudanças sociais passam a acontecer e os direitos da população LGBTQIAP+ entram na agenda política. Esta revisão de literatura se propõe a dialogar com autores clássicos da temática gênero e diversidade sexual com a perspectiva de problematizar a construção história e suas repercussões.

## PERCURSO TEÓRICO

De acordo Butler (2018) as formas de poder sociais dominantes determinam o que pode ou não ser expresso socialmente, “não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero, essa identidade é performaticamente construída” (p. 56) a partir do discurso. Limita-se então as formas de existir e surgem gêneros inteligíveis, que “são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (BUTLER, 2018, p. 43), faz surgir o que não seria real se não pela construção de discursos normatizadores. A concepção de inteligibilidade dos gêneros faz com que a heterossexualidade permaneça como caráter natural, inato, realizando uma interdição cultural em expressões dissidentes.

Em consonância com as (im)possibilidades de expressar um gênero que foge a norma, a questão do patriarcado, da dominação do homem sobre a mulher, também encontra lugar no constructo histórico e social. Registros da Grécia Antiga, com filósofos como Aristóteles, pensavam o papel da mulher como um instrumento da reprodução, feita para criar a prole e cuidar do lar – inclusive do marido, enquanto o homem tem o papel de provedor e gerenciador das políticas do social (FOUCAULT, 2020). Stona e Carrion (2021) acrescentam,

são processos sociais e históricos por meio de acordos brancos, patriarcais, cisgêneros e heterossexuais que determinaram uma suposta fixidez entre o corpo sexuado-sexo-gênero-desejo-prática sexual, sob a justificativa de que o corpo possui um sexo que determinará e que corresponderá um gênero específico (p. 43).

Essa opinião é normalizada dentro do contexto social e coloca a mulher como um objeto de troca entre homens, para referenciar seu poder, assim como faziam com escravos, animais e/ou outras posses que tivessem (FOUCAULT, 2020). Butler (2018) pontua que “as mulheres são o objeto da troca que consolida e diferencia as relações de parentesco,

sendo ofertadas como dote de um clã patrilinear para outro, por meio da instituição do casamento” (BUTLER, 2018, p. 77)

Com o fortalecimento da doutrina cristã e da necessidade da classe média manter seu poder sobre o proletário e/ou a classe baixa, reforça-se o papel social da mulher como reprodutora, cuidadora e submissa à vontade dos homens que perpassam sua existência (KATZ, 1996; FOUCAULT, 2020). Esse pensamento perdura por um longo período, até se iniciarem as revoluções que marcaram diferentes períodos históricos, como a Revolução Industrial, a Revolução Francesa, e até mesmo as Guerras Mundiais. Preciado (2014), aponta a necessidade de “pensar o sexo, pelo menos a partir do século XVIII, como uma tecnologia biopolítica. Isto é, como um sistema complexo de estruturas reguladoras que controlam a relação entre os corpos, os instrumentos, as máquinas, os usos e os usuários” (p. 79).

No século XVIII, movimentos sociais e culturais começam a refletir criticamente o poder e a dominação masculina. As lutas e manifestações sociais começam a fortalecer movimentos de reivindicação de direitos e, dentro desse contexto, as feministas e grupos de gays, lésbicas e trans iniciam a reivindicação de direitos para suas comunidades (KATZ, 1996). Ao incitarem pensamentos críticos e levantes contra o *status quo* social estabelecido, os pensadores da época começam a questionar o que estava estabelecido como o “normal”, “natural” e “imutável”. Com isso, passa-se a pensar na construção dos aparatos sociais que envolvem o que se acredita ser gênero (KATZ, 1996; FOUCAULT, 2020). Conforme explicado por Butler (2018):

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos (p. 27).

As críticas ao sistema de gênero tomam mais força e delimitam questões necessárias a serem pensadas e questionadas. Utilizar o biológico para firmar como natural o padrão de gênero e a heterossexualidade começa a ser estudado e contestado. O lugar do sexo biológico e gênero como unificados reafirma o lugar reprodutório da mulher, coloca o homem como um ser livre e dono de si, enquanto o seu oposto, precisa preparar sua vida em torno da reprodução da espécie, não sendo questionado seus desejos de vida e/ou suas vontades sexuais (KATZ, 1996; BUTLER, 2018; FOUCAULT, 2020). Preciado (2014) reflete sobre as práticas e papéis sociais como naturalizantes dos gêneros em masculinos ou femininos, inscrevendo no corpo as normas que regulamentam as existências subjetivas. Sendo esse pensamento o fortalecedor de padrões de sujeição e discriminação, conforme o autor:

Os homens e as mulheres são construções metomínicas do sistema heterossexual de produção e de reprodução que autoriza a sujeição das mulheres como força de trabalho sexual e como meio de reprodução. Essa exploração é estrutural, e os benefícios sexuais que os homens e mulheres

heterossexuais extraem dela, obrigam a reduzir a superfície erótica aos órgãos sexuais reprodutivos e a privilegiar o pênis como o único centro mecânico de produção de impulso sexual (PRECIADO, 2014. p. 26).

A discussão entre sexo biológico e gênero se intensifica. Precisa-se compreender qual as relações causais entre sexo biológico e gênero. Conforme proposto por Butler (2018), “localizar o mecanismo mediante o qual o sexo se transforma em gênero é pretender estabelecer, (...) a universalidade cultural da opressão” (p. 76), para além de termos biológicos, construídos, naturais e/ou necessários.

Questionar a correlação biológica entre sexo e gênero é contestar a existência de gênero como natural e próprio do corpo humano, trata-se de questionar as definições dos sexos biológicos também criadas mediante um discurso. Mesmo ao referir-se ao sexo biológico não existe somente homem e mulher, existe o intersexo, por exemplo. Assim como, existem diferenças anatômicas dentro de cada categoria, ou seja, cada pessoa possui um órgão genital com características específicas, apesar das similaridades (KATZ, 1996; FOUCAULT, 2020).

Butler (2018) pontua que “a regulação binária da sexualidade suprime a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual, reprodutiva e médico-jurídica” (p. 47). O binário de gênero e a instituição de uma heterossexualidade compulsória é necessária para manter privilégios e centralização do poder na figura do homem, pois faz da mulher seu oposto e inferior e mais facilmente a subjuga, desvalorizando seus atributos por uma categoria socialmente construída. Butler (2018) complementa “a ‘unidade’ de gênero é o efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero por via da heterossexualidade compulsória” (p. 67).

Existe um pensamento majoritário de que ser feminino só ocorre nos corpos das fêmeas, que se orientam sexualmente para os machos, e que o ser masculino só ocorre no corpo dos machos, que se orientam para as fêmeas (PERES; TOLEDO, 2011). De acordo com os autores, esse pensamento é uma forte ferramenta do biopoder conceituado por Foucault, no ano de 1985.

Peres e Toledo (2011) definem o biopoder como a ordem que cresce em diferentes esferas para desenvolver o bem-estar das pessoas, sendo revelada como uma estratégia para aumentar a ordem e o poder (*apud* RABINOW; DREYFUS, 1995). Na sexualidade, o biopoder é o fator que disciplina os corpos e volta-os para a heterossexualidade como a prática saudável, faz isso por meio de diferentes instituições sociais, como a escola e a igreja, entre outras que tem o poder formador do ser social (PERES; TOLEDO, 2011).

Corroborando com a ideia de biopoder, Butler (2018) afirma que a construção de discursos faz com que os participantes de uma determinada sociedade legitimem a opressão. De acordo com a autora, “o discurso torna-se opressivo quando exige que, para falar, o sujeito falante participe dos próprios termos dessa opressão - isto é, aceite sem questionar a impossibilidade ou ininteligibilidade do sujeito falante” (BUTLER, 2018, p. 201)

Um dos aspectos relevantes a serem discutidos trata-se das repercussões do biopoder na saúde mental dos indivíduos. Zanello e Andrade (2014) afirmam que o gênero interfere no modo como o sofrimento mental é vivido pelo homem e pela mulher, e ressaltam a influência do contexto social e cultural em que os indivíduos estão imersos. Mas para além disso, destacam a forma como os profissionais da saúde voltam seus olhares, marcados por uma construção social, e assim muitas vezes sendo iatrogênicos em seu modo de cuidar (ZANELLO e ANDRADRE, 2014).

Stona e Carrion (2021) compreendem que a dificuldade dos profissionais em correlacionarem questões de expressões de gênero ao sofrimento psíquico está dentro de um processo de construção de valores culturais pré-estabelecidos socialmente, designado por eles de currículo oculto, tido “como transmissão de valores e de historicidades, de princípios de conduta e normas de convívio” (p. 45) delimitadas pelo social. Os autores evidenciam que as práticas clínicas e as teorias são embasadas dentro desse currículo oculto, que com frequência possibilita a reiteração da normatividade heterossexual e cisgêneras. De acordo com os autores, esses pensamentos são um “importante currículo oculto, que constitui um eixo estruturante para muitas das teorias clínicas” (p. 45).

Na prática da Psicologia percebe-se ainda discursos sociais de gênero preconceituosos. Conforme Zanello e Andrade (2014) “gênero se desdobra em práticas e discursos que reproduzem hierarquias, reforçam desigualdade e assimetrias que (...) naturaliza o sofrimento” (p. 64). Sendo algo perpassado por diferentes expressões de gênero. Butler (2018) propõe que a forma de tornar as categorias de gênero processos menos marcados socialmente e que não mais (re)produz discriminações é a apropriação pelas minorias dos discursos e tornar-se parte da produção dos saberes.

Corroborando com esse processo de apropriação dos saberes e discursos, Serge Moscovici discorre sobre a teoria das Minorias Ativa, conceito utilizado para explicar que todos os indivíduos que participam da sociedade são receptores e emissores de mensagens, ou seja, podem influenciar uns aos outros conforme se relacionam (MOSCOVICI, 2011). Dentro desse conceito, entende-se que o corpo majoritário tem maior poder sobre a influência das informações e práticas sociais, conforme proposto por Moscovici (2011):

a influência se exerce em duas direções: da maioria em relação à minoria e da minoria em relação à maioria. Em outras palavras, a influência, longe de ser um efeito unilateral da fonte sobre o alvo, é um processo recíproco que implica ação e reação tanto da fonte como do alvo (MOSCOVICI, 2011, p. 74).

Porém, mesmo diante dessa interferência dos pensamentos, Moscovici (2011) evidencia que os grupos majoritários e detentores de poder social têm maior influência sobre os conjuntos de pensamentos sociais. Com isso, pode-se pensar que, sendo o pensamento heteronormativo que tem maior poder, ele influencia a todos os indivíduos que produzem a sociedade, isso inclui os profissionais.

Entretanto, as minorias que se insurgem nas normas sociais pautadas no pensamento

de poder, iniciam processos de mudança que criam rupturas, conflitos e trazem reflexões e transformação social. Enfrentando normas estruturantes da vivência social, “quando uma minoria tenta influenciar a sociedade em relação às normas ou respostas fortemente interiorizadas, encontra uma maior resistência” (MOSCOVICI, 2011, p. 76).

As minorias sendo ativas e organizadas, possuem um poder de fala validado ao longo do tempo, através da pressão social exercida que gera rupturas e/ou bloqueios nas instituições sociais vigentes (MOSCOVICI, 2011). Conforme Moscovici (2011) avalia, “as críticas, os exemplos e as ações de um grande número de minorias e de grupos marginais produziram importantes mudanças em nível dos valores, da linguagem, da maneira de vestir, assim como na esfera política e social” (p. 204). Com isso, entende-se que os preceitos dessa minoria podem influenciar o modo de pensar dos profissionais.

Na construção da prática em psicologia, compreender as experiências sociais que perpassam os sujeitos atendidos, bem como, identificar privilégios e faltas que marcam o processo de saúde e adoecimento mental, contribui para o processo de mudança social. Conforme Stona e Carrion (2021) propõem “podemos compreender a escuta como política, na medida em que a concebemos como um acontecimento que se abre ao sujeito e ao outro, resgatando costuras entre o psíquico e o cultural” (p. 44). Conforme Stona e Carrion (2021) trazem “a clínica não pode desnormalizar o mundo, mas pode ser um pedaço de acolhimento” (p. 157).

## CONCLUSÃO

Este estudo possibilitou percorrer histórico e culturalmente a demarcação de gênero, refletindo a respeito dos mecanismos de dominação construídos simbolicamente e acerca da viabilidade de transformações socioculturais pautadas na reflexão e protagonismo político. Por fim, o texto busca demarcar os riscos para o adoecimento psíquico a partir das vivências de exclusão e violência, distanciando o olhar psicopatológico, classificatório da diversidade sexual e alerta para o fato de que profissionais de saúde também são sujeitos imersos em seus contextos e que nem sempre é possível que suas crenças e valores sejam postas entre parênteses no momento da relação profissional-paciente, sem que aja antes um espaço de formação e formulação que garanta problematizar os direitos humanos.

## REFERÊNCIAS

BENTO, B. A. de M. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2008.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** 10ed. São Paulo: Paz & Terra, 2020.

KATZ, J. N. **A Invenção da Hetero Sexualidade.** Rio de Janeiro: Ed. Ediouro Publicações, 1996.

MOSCOVICI, S. **Psicologia das Minorias Ativas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

PERES, W.S.; TOLEDO, L.G. **Dissidências Existenciais de Gênero: resistências e enfrentamentos ao biopoder**. *Psicologia Política*, v. 11, n. 22, p. 261-277, 2011.

PRECIADO, P. **Manifesto Contrasexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

REIS, T., org. **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2a edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.

SÃO PAULO, Prefeitura Municipal. **Diversidade Sexual e a Cidadania LGBT**. 2014. Disponível em: <https://justica.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/02/CARTILHA-DIVERSIDADE-SEXUAL-1ª-EDIÇÃO-2014.pdf>. Acesso em: 25.maio.2022.

SANTOS, A. M. C. C. **Articular saúde mental e relações de gênero: dar voz aos sujeitos silenciados**. 2009. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232009000400023&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232009000400023&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em 04.fev.2020.

STONA, J.; CARRION, F. **O Cis no Divã**. 1ed. Bahia: Editora Devires, 2021.

WOLFF, C. S; SALDANHA, R. A. Gênero, sexo, sexualidades: categorias do debate contemporâneo. **Retratos da Escola**, v. 9, n. 16, p. 29-46, 2015.

ZANELLO, V.; ANDRADE, A.P.M. **Saúde mental e gênero: diálogo, práticas e interdisciplinaridade**. Curitiba, Appris, 2014.

**A**

Acolhimento 14, 15, 16, 19, 20, 34, 101

Adoecimento mental 14, 15, 16, 18, 19, 26, 34

Adolescentes 1, 2, 3, 5, 49, 50, 51, 52, 55, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 66, 67, 68, 71, 72, 88, 108, 116, 124, 130, 131, 132, 135, 136

Agressão 91, 137, 138, 139, 140, 141

Angústia 1, 2, 3, 4, 5, 64, 89, 91, 92, 126

Ansiedade 2, 9, 14, 20, 39, 44, 46, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 76, 89, 90, 91, 92, 96, 97, 98, 103, 124, 125, 126

Aprendizagem 57, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83

Assistência à saúde mental 23, 24

Automutilação 1, 2, 3, 4

Avós 22, 23, 24, 25, 26, 27

**C**

Cognición 108, 109, 110, 111, 120, 146, 148, 150, 155, 157

Consequência emocional 85

Covid-19 1, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21

Criança 3, 23, 25, 29, 41, 42, 46, 62, 63, 64, 65, 68, 71, 72, 76, 79, 81, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107

Crime contra a propriedade 137

**D**

Dermatoses 121, 122, 123, 126

Desempenho acadêmico 49, 51

**E**

Educação 25, 26, 47, 60, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 97, 103, 104, 105, 137, 144, 150, 160, 162

Emoções 96, 121, 122, 123, 124, 126, 127

Equipes 37, 38, 97

Escolha profissional 49, 56, 58, 59

**F**

Formação de professores 73, 79, 82, 83, 84

**G**

Gênero 25, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 49, 59, 60, 61, 65, 66, 67, 70

**H**

Hospitalização infantil 85, 86, 87, 92, 95, 98, 99, 101, 104, 105, 106, 107

**I**

Idoso 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 24, 25

Isolamento social 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 124

**M**

Mães 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47

Minorias ativas 28, 35

**N**

Neoplasias 146, 148

Neuropsicología 146, 156, 159

**O**

Obesidade 108, 109, 110, 116, 117, 118, 119, 120

Oncologia 146

**P**

Perdão 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144

Psicanálise 1, 3, 4, 6, 162

Psicologia 5, 6, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 24, 27, 33, 34, 35, 36, 37, 47, 49, 52, 59, 60, 61, 64, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 98, 99, 104, 105, 107, 119, 122, 128, 137, 144, 162

Psicologia hospitalar 85, 98, 99, 107

Psicología social 108, 109, 111, 113, 117, 118, 119, 120

Psicológico 14, 15, 18, 19, 20, 39, 41, 45, 46, 51, 58, 61, 70, 78, 80, 82, 86, 90, 91, 99, 107, 109, 110, 118, 119, 121, 126

**Q**

Quimioterapia 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159

**R**

Redes sociais 1, 2, 3, 4, 42, 46, 47

Relações familiares 22, 23, 24, 51

Ressentimento 137, 139, 140, 141, 142

## S

Salud mental 109

Saúde mental 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 28, 33, 35, 38, 41, 52, 53, 55, 56, 58, 60, 66, 71, 85, 95, 97, 125, 126

## T

Transtorno de personalidade narcisista 39

Tratamento 20, 25, 64, 67, 68, 71, 85, 86, 87, 91, 95, 97, 98, 103, 107, 122, 123, 125, 126, 127

## V

Vestibular 2, 49, 50, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

Vingança 137, 138, 139, 140, 141, 142

# Psicologia:

Formação profissional, desenvolvimento e trabalho

# 2

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# Psicologia:

Formação profissional, desenvolvimento e trabalho

# 2

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)